



AS TRÊS FIANDEIRAS

HOUVE, uma vez, uma môça muito preguiçosa, que não queria fiar; a mãe podia-lhe dizer o que quisesse mas não conseguia persuadi-la. Certo dia, perdendo a paciência, a mãe, muito zangada, deu-lhe uma tremenda surra, pelo que a môça desatou a chorar e a gritar. Passava, nesse momento, a rainha que, ao ouvir tais gritos, mandou parar a carruagem, entrou na casa e perguntou à mulher por que batia assim na filha, fazendo-a gritar que até da rua se ouvia. A mulher, com vergonha de revelar a preguiça da filha, acabou por dizer:

— Não consigo tirá-la da roda de fiar; ela ficaria eternamente fiando, mas eu sou pobre e não posso comprar-lhe o linho necessário.

A rainha então propôs:





— Nada me agrada mais do que ouvir fiar, e nada me alegra tanto como o ruído da roda ao girar. Dá-me tua filha; eu a levarei para o castelo, tenho lá enorme quantidade de linho e ela poderá fiar à vontade.

Contentíssima com isso, a mãe deu o consentimento, e a rainha levou consigo a môça. Ao chegarem ao castelo, a rainha conduziu-a para cima e mostrou-lhe três salas repletas de alto e baixo do melhor linho.

— Fia-me êste linho, — disse — e, quando tiveres terminado, dar-te-ei meu filho mais velho por marido. Não importa que sejas pobre, o teu zêlo infatigável é do-te mais que suficiente.

A môça perturbou-se intimamente, porque mesmo vivendo trezentos anos, decididamente não poderia fiar aquêle linho todo. Nem que ficasse aí sentada da manhã à noite.

Assim que ficou só, desandou a chorar e passou três dias sem mexer um dedo. No terceiro dia apareceu a rainha e vendo que ainda nada tinha fiado, admirou-se; a môça, porém, desculpou-se, alegando que não pudera começar devido à grande tristeza por estar longe de casa e da mãe. A rainha acatou a desculpa, mas ao retirar-se recomendou:

— Amanhã deverás começar a trabalhar.

Ficando novamente só, a môça não sabia para que santo apelar e, desconsolada, foi debruçar-se à janela. Então viu três mulheres que se aproximavam. A primeira tinha um enorme pé chato; a segunda, o lábio inferior tão grosso que lhe pendia sobre o queixo; a terceira, um polegar descomunamente grosso. Pararam em frente à janela, olharam para cima e viram a môça chorando; perguntaram-lhe que é que a afligia assim. Ela confiou-





-lhes suas preocupações, e elas prontificaram-se a ajudá-la, dizendo:

— Se nos convidares para teu casamento; se não te envergonhares de nós; se nos chamares de prisma e nos fizeres sentar à tua mesa, fiaremos todo o linho em pouco tempo.

— Oh, sim, de todo o coração! — respondeu jubilo-
sa a môça — Entrai e começai imediatamente o trabalho.

Introduziu aquelas estranhas criaturas na primeira sala; arranjou-lhes espaço e elas se acomodaram, pondo-se logo a fiar. A primeira, com o polegar puxava o fio e fazia girar a roda; a segunda umedecia no lábio grosso; a terceira batia com o pé e cada vez que batia, caía um monte de fio do mais finamente fiado.

Na presença da rainha, a môça escondia as três fiandeiras, mostrando-lhe, tôda vez que aparecia, o monte de linho fiado, tanto assim que a rainha não se cansava de tecer-lhe os maiores elogios. Tendo esvaziado a primeira sala, passaram à segunda e depois à terceira, então, despediram-se, dizendo à môça:

— Não esqueças o que nos prometestes; disso depende tua felicidade.

A môça mandou chamar a rainha e mostrou-lhe as três salas vazias e a grande quantidade de linho fiado. A rainha, então, providenciou tudo para que se realizassem as bodas. O noivo estava felicíssimo por ter encontrado uma mulher tão habilidosa e diligente e não lhe regateava elogios.

A noiva disse-lhe:

— Eu tenho três primas, que foram muito boas para mim e não quero esquecê-las no dia da minha maior ventura; permiti que as convide para a festa e que venham sentar-se à nossa mesa.



A rainha e o noivo responderam prontamente:

— Por quê não haveríamos de permitir?

Portanto, quando começou a festa, chegaram as três solteironas estranhamente ataviadas, e a noiva recebeu-as gentilmente:

— Sêde bem-vindas, queridas primas!

— Oh, — exclamou o príncipe — que é que te prende a essas amigas tão feias?

Dirigindo-se então à que tinha o pé enorme, perguntou:

— Por quê é que tens o pé assim tão chato?

— De tanto pisar de tanto pisar, — respondeu-lhe ela.

O noivo, então, foi à segunda e perguntou:

— Por quê é que tens êsse lábio tão caído?

— De tanto lamber, — respondeu ela — de tanto lamber.

Então, perguntou à terceira:

— E tu, por quê é que tens êsse polegar tão grosso?

— De tanto torcer fio, — disse ela — de tanto torcer fio.

Diante disso, o príncipe ficou horrorizado e disse:

— De hoje em diante, minha mulher nunca mais tocará numa roda de fiar.

E assim, livrou a môça daquela maçada para o resto da vida.

